

TATUAGEM: A ARTE NO CORPO, CURA DA ALMA

TATTOO: THE ART ON THE BODY, SOUL CURE

Fabício Cavalcante Frauzino 1
Rogerio Ferreira Marquezan 2
Christiane Cavalcante Frauzino 3
Dryellen Dayany Coelho Sousa 4
Valdir Francisco Odorizzi 5

Resumo: A pintura corporal, artificialmente e conscientemente, tem significado simbólico que vai além do estético ostentatório e da simples manifestação cultural. A pintura temporal ou definitiva, como a tatuagem, expõe esse corpo marcado como um ato de rebeldia na adolescência, para alguns, sendo comparado a um ritual iniciático dos povos originários, expressando o sentimento de pertença grupal e a sua individualização. É motivo de homenagem com alegria, de companheirismo, do animal de poder, da planta sagrada e da espiritualidade. É sinal de tolerância à dor, ao sofrimento e ao luto. A tatuagem se sobrepõe a imagens distorcidas de nossa sociedade e da discriminação de cor, de manchas, de lesões do corpo e da alma, corpos esses que hoje se tornam um Totem Dinâmico e em contínua integração com seu entorno, mudando o que antes era estático e afugentador, para algo muito mais próximo e protetor, sem deixar de expressar o seu sagrado.

Palavras-chave: Pintura Corporal. Tatuagem. História da Arte. Povos Originários. Saúde Mental.

Abstract: Body painting, artificially and consciously, has a symbolic meaning that goes beyond ostentatious aesthetics and simple cultural manifestation. Temporary or definitive painting, like tattoos, exposes this body marked as an act of rebellion in adolescence, for some, comparing it to an initiatory ritual of indigenous peoples, it expresses the feeling of belonging to a group and its individualization. It is a reason for homage with joy, companionship, the animal of power, the sacred plant and spirituality; it is a sign of tolerance to pain, suffering and mourning. The tattoo overlaps with distorted images of our society and the discrimination of color, stains, injuries to the body and soul, bodies that today become a Dynamic Totem and in continuous integration with its surroundings, changing what was previously static and frightening, to something much closer and protective, without ceasing to express its sacredness.

Keywords: Body Painting. Tattoo. Art History. Original Peoples. Mental Health.

- 1 Médico do Distrito Sanitário Especial Indígena (DSEI) –Tocantins, Polo Base Indígena Goiatins, Povos Krahô, Goiatins (TO); membro do GT Saúde e Espiritualidade e do GT Saúde Indígena da Sociedade Brasileira de Medicina de Família e Comunidade; Colaborador do Movimento pela Vida. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7476619939511433>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6123-2372>. E-mail: fcfrauzino@gmail.com
- 2 Mestrado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (2005) e doutorado em Ciências do Ambiente pela Universidade Federal do Tocantins (2019). Professor do magistério superior da Universidade Federal do Tocantins e atualmente coordena o Mestrado Profissional em Saúde da Família - polo UFT. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicologia Cognitiva, atuando principalmente nos seguintes temas: comportamento social, saúde coletiva, saúde indígena. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/210237671940374>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6543-8327>. E-mail: rjm@uft.edu.br
- 3 Mestre em Arte e Cultura Visual (UFG), Artista Visual e professora. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4096740327550493>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5001-816X>. E-mail: chrisfrauzino@gmail.com
- 4 Enfermeira do Distrito Sanitário Especial Indígena (DSEI) –Tocantins, Polo Base Indígena Goiatins, Povos Krahô, Goiatins (TO). Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9903195270969520>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6402-2274>. E-mail: dryellenday@hotmail.com
- 5 Universidade Federal do Tocantins (UFT) Médico. Professor do curso de medicina e do programa de residência médica da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Tutor do Programa Mais Médicos para o Brasil no Estado do Tocantins e colaborador do Movimento pela Vida. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4080384800831588>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6315-3336>. E-mail: vfo@mail.uft.edu.br

Introdução

TOTEM, palavra forte. Para alguns, assustadora, para outros, tão forte quanto seu próprio nome e símbolos. Tem seu poder de proteção, seja ele individual, grupal ou comunitário; principalmente para os povos originários, que deram origem a essa arte amparadora considerada como uma guardiã – às vezes venerada como sagrada

O totem, “símbolo para a tribo, clã, família ou pessoa” (Dicio.com, 2021) e (Priberam, 2021), está representado quase sempre como imagens de animais, plantas ou objetos configurando e criando a identidade singular e una de um determinado grupo. A etimologia de totem, do inglês totem e este, derivado do algonquino (idioma comum de povos originários norte-americano) nintotem, significa objeto da natureza, que na mitologia de algumas sociedades toma-se como símbolo protetor do grupo ou do indivíduo e às vezes como ascendente ou protetor; podendo ser pintado ou talhado (Real Academia Española, 2001a).

Para Jung (2016), “o papel dos símbolos religiosos é dar significação à vida do homem”. Dando seguimento à sua análise sobre a questão simbólica, o autor, em um trecho de seu livro “O Homem e seus símbolos” com tradução de Maria Lúcia Pinho e publicado no Brasil pela HarperCollins (2016) disse:

O homem utiliza a palavra escrita ou falada para expressar o que deseja comunicar. Sua linguagem é cheia de símbolos, mas ele também, muitas vezes, faz uso de sinais ou imagens não estritamente descritivos. Alguns são simples abreviações ou uma série de iniciais [...] outros são marcas comerciais conhecidas, nomes de remédios patenteados, divisas e insígnias. Apesar de não terem nenhum sentido intrínseco, alcançaram, pelo seu uso generalizado ou por intenção deliberada significação reconhecida. Não são símbolos: são sinais, e servem apenas para indicar os objetos a que estão ligados. O que chamamos símbolo é um termo, um nome ou mesmo uma imagem que nos pode ser familiar na vida cotidiana, embora possua conotações especiais além do seu significado evidente e convencional. Implica alguma coisa vaga, desconhecida ou oculta para nós (Jung *et al.*, 2016, p. 9, 111 e 129).

As pinturas corporais indígenas têm significados simbólicos que vão além do estético. Essa arte ancestral sobrevive ao longo dos anos, mediante transmissão oral e “plotada em seus corpos” com diversos propósitos como a representação da luta, da caça ou mesmo da morte. Para desenhar e pintar os corpos, usa-se tintas preparadas com carvão, urucum, jenipapo e gravetos ou os próprios dedos nus para tracejar os elementos simbólicos próprios de cada comunidade indígena.

Para Marques & Bicalho (2017), os povos Xerente, utilizam as pinturas corporais como expressão de múltiplos manifestos, entre eles algumas cerimônias como o casamento, a morte, a luta e a caça. Neste grupo, somente as crianças podem ficar pintadas independente de ter ou não uma cerimônia ou um ritual. Basicamente pintam imagens de “onça e de tamanduá tanto em crianças recém-nascidas como em crianças de 2 a 3 anos e de ambos os sexos. Depois dessa idade, passam a usar o padrão de adultos, que é a pintura tradicional.”

Essas mesmas autoras concluem que:

A pintura corporal é mais que uma mera característica de manifestação cultural da humanidade, é parte integrante da formação da maioria das sociedades. Todo ritual retratado a partir de comportamentos simbolicamente motivados e expressos nos corpos indígenas, através da pintura corporal, dos adornos e das plumárias, é uma forma de arte. Neste sentido, é necessário conhecer a especificidade étnica da arte indígena, que ultrapassa o sentido da mera contemplação, por se caracterizar pela utilidade prática (uso cotidiano) e por seu caráter simbólico (ritual) (Marques; Bicalho, 2017, p. 5-6)

Fato interessante é o que descreve uma representante dos povos Krahô, Dominga Huc Krahô, no livro “Português Krahô” publicado em 2014 por Pontes Editores, onde ela diz:

As tatuagens são feitas com agulhas e carvão do talo de piaçava ou com jenipapo. Essa tatuagem fica para sempre na pele. Nós podemos fazer pinturas em qualquer parte do corpo. Todos os tipos de tatuagem da nossa cultura; nós todos que somos Krahô gostamos de fazer no rosto, nos braços e nas pernas. Dói muito quando a tatuagem é feita e existem vários tipos de tatuagem Krahô. Todos podem ter essa tatuagem, mas são apenas as mulheres que fazem nos homens e em outras mulheres. (Krahô D.H. *apud* Albuquerque, 2014)

Para esse mesmo povo, o professor Gregorio Krahô da Aldeia Areia Branca do Polo Base Indígena Goiatins, localizado no município de mesmo nome no limite entre Tocantins e Maranhão, disse:

Existe pintura de passagem feita de penas de juriti e chama-se pintura da Rainha. A pintura feita de jenipapo e urucum chama-se pintura do homem e da mulher que significa o símbolo do índio. A pintura feita no rosto chama-se pintura do guerreiro. Pintura feita de penas chama-se HICUWXÂ. Pintura feita de jenipapo e urucum chama-se MEHTUM HÔCXÂ. Pintura feita no rosto chama-se PAJICATÊ. E a tatuagem, feita no rosto, é a marca do cantor ou cantora MENTO HÔC. (Krahô G., 2023)

Observando o humano “moderno”, no meio em que se encontra, na sua construção cultural e social usando seu corpo como uma ferramenta de expressão, a pele marcada por imagens e símbolos poderia ser considerada uma arte totêmica?

As pinturas corporais como as tatuagens, e seus vários significados, formariam, em conjunto com esses corpos, símbolos totêmicos nos dias de hoje?

Tattoo, termo internacionalmente reconhecido, com origem no inglês e esse do polinésio *tátu*, que significa gravar desenhos na pele humana com a introdução de pigmentos debaixo da epiderme mediante o uso de material cortante (Real Academia Española, 2001b).

Desde tempos remotos corpos foram ornamentados com apetrechos introduzidos, dependurados, outros escarificados, pintados, gravados, transformados, como forma de diferenciação de classes, de formação de grupo, de exposição, de proteção, muitos a procura da formação de uma identidade com características própria.

Os relatos históricos sobre tatuagens podem chegar a cinco mil anos, como as que foram encontradas em múmias do Egito Antigo. Essas tatuagens se assemelham a animais e traçados misteriosos. Novas pesquisas realizadas em duas múmias de *Gebelein* (3.351 a.C. e 3.017 a.C.) do Museu Britânico, mostraram que ambas foram tatuadas. Apenas o Homem de Gelo *Ötzi* (3.370 a.C.) apresentou tatuagens mais antigas, mas na análise comparativa da linguagem visual, as de *Ötzi*, apresentava desenhos geométrico e as das múmias egípcias representam imagens figurativas, portanto, podem ser consideradas as mais antigas tatuagens. No corpo da múmia masculina, encontraram a imagem de um touro selvagem e outra que possivelmente seria um carneiro. Na múmia feminina encontraram quatro símbolos em forma de “S”, uma no ombro e uma lineal formando uma “L” no abdômen; acredita-se que seja uma bengala. Segundo as pesquisas, acredita-se que pessoas de ambos os sexos, daquela sociedade faziam uso de tatuagens; o que antes era atribuído apenas às mulheres daquele período. Essas descobertas, seriam os primeiros exemplos de tatuagens em pessoas que espelham temas usados em arte e que parecem “sugerir uma relevância simbólica”, como “a virilidade masculina e status”, nas do homem e religiosos nas da mulher. Enfatizar que essas tatuagens foram realizadas antes de que surgisse a escrita (Gibbens, 2018).

Os *Māori*, povos originários da Nova Zelândia, tem no *Tā moko*, uma arte ancestral de tatuagens, um grande patrimônio da identidade histórica. No seu momento o *Tā moko* teve importante significado social e de classe, sendo hoje uma herança cultural daqueles povos (Newzealand, 2021).

No que diz respeito à arte *Tā moko*, houve casos de interesse cultural entre países europeus como Alemanha, França, Noruega, Reino Unido e Suécia com a Nova Zelândia. Ao longo da história o tráfico e comércio de *Tā moko*, foi um fato. Como objetos de estimado valor para exploradores e colecionadores, supõe-se que o tráfico ocorreu devido aos confrontos entre grupos nativos rivais e que isso tenha “levado à troca das cabeças de seus inimigos”. Em especial, na França, onde antes havia uma lei que valorizava “cabeças ancestrais Māori tatuadas e mumificadas”, como objetos e artefatos de grande valor, superior ao valor sentimental dos restos humanos, a repatriação desses corpos da França para Nova Zelândia era dificultada por antropólogos, curadores e artistas, negando-lhes a legitimidade de estarem em seu lugar de descanso (Menezes; Ojeda, 2020) e com seus parentes de direito.

Uma nova Lei pôde ser votada pela Assembleia Nacional em 4 de maio de 2010, com o apoio do então Ministro da Cultura, Frédéric Mitterrand. [...] A França devolveu em 23 de janeiro de 2012 a uma delegação da Nova-Zelândia as vinte cabeças maori, conservadas desde o século XIX nos museus franceses (Barbosa; Barbosa, p.75, 2013).

A iniciativa do Museu de Rouen foi fundamental para que a repatriação fosse bem sucedida e assim encerrar, o que eles diriam, o “tráfico odioso de outra era” (UNESCO, 2012) (Tepapa.GOV.T. NZ, 2016) e (Tepapa.GOV.T.NZ, 2011).

Além dos *Māori*, outros povos também traziam tatuagens em seus corpos, como os *Inuits* do Canadá e os *Kayabi* no Brasil, hoje habitando o Território Indígena do Xingu; desses últimos, a tatuagem poderia expressar rituais iniciáticos e de reverências elementais da natureza. Acredita-se que na história dos povos indígenas da América do Sul essa arte data de aproximadamente 7.000 anos (Krutak, 2013).

O navegador e explorador britânico capitão James Cook, juntamente com parte de sua tripulação, após explorações nas Ilhas da Polinésia, ao retornar “tatuado” à Europa, foi um dos responsáveis pela sua introdução naquele continente nos finais do século XVIII. Inicialmente na Europa, o uso da tatuagem abrangia as classes mais abastadas e logo se expandiu também para as classes mais baixas da população e para os grupos marginalizados.

Na Espanha, os navegadores tinham por tradição que todo aquele marinheiro que passasse pelos mares da Índia e da China deveria tatuar dragões em seus braços. E por citar a marinheiros, não poderia deixar de lado o personagem *Popeye*, o qual muitas crianças sonhavam em ser como ele – lutar contra o vilão *Brutus* e proteger sua amada *Olívia Palito*, após comer seu espinafre enlatado e ganhar uma força descomunal (Segar, 1929). Esse fascinante marinheiro tinha imensos antebraços tatuados cada um com uma âncora. A imagem da âncora pode transmitir uma mensagem de uma pessoa estável e segura. Atualmente, tatuar a imagem do *Popeye* traz uma referência e um significado de determinação e força.

Em alguns relatos colhidos durante consultas médicas de Medicina Familiar e Comunitária na Espanha, observou-se que:

Idosos tatuados com números em seus antebraços, alguns tinham vergonha de falar sobre o tema, outros tinham orgulho da superação de um trauma. Na realidade, eram números de série, na sua maioria tatuados na face interna-superior do antebraço esquerdo (Frazzino, 2007).

Números de séries considerados registros marcados na pele daqueles que sobreviveram aos campos de concentração durante o Holocausto (Encyclopedia.USHMM.ORG, 2021), (Chatreau, 2020), (Pané, 2020).

Do Velho Continente para o resto do mundo a tatuagem ganhou fama e expandiu-se, sendo

muitas vezes associada às pessoas inadaptadas e à subcultura. Daquela arte sucumbida ao longo dos séculos, a tatuagem evolui e renasce como estado puro na história da arte. Suas práticas devem ser consideradas e discutidas em diversas áreas, como na antropologia do corpo, na saúde, na medicina, assim como nas artes.

Na atualidade, por meio de boa formação, materiais de melhor qualidade e condições de segurança e saúde, os profissionais da arte da tatuagem vêm revolucionando, não só o próprio ato de tatuar, mas quebrando os estigmas sociais atribuídos à *tattoo*. Muitos profissionais buscam na formação acadêmica um caminho para ampliar seu campo de conhecimento e legitimar sua arte. Vários artistas plásticos acabaram migrando para o campo da tatuagem e ampliando sua arte para a pele como tela.

Usar objetos cortantes para pigmentar a pele, seja uma pequena parte ou a totalidade do corpo, causa dor.

A dor ocorre quando certos tecidos são lesionados. Os receptores para a dor, nesse caso da pele, são terminações nervosas livres dispersas nas suas camadas superficiais (Hall, 2011).

Assim sendo, o maior órgão do nosso corpo, a pele exerce importantes funções, além da percepção da dor, tem a resposta a estímulos agradáveis, proteção mecânica, proteção contra os efeitos da radiação solar ultravioleta, termorregulação, manutenção do equilíbrio hídrico-eletrolítico e função endócrinológica como participação na síntese da vitamina D entre outras funções. Do ponto de vista anatômico-histológico, a pele se divide em três camadas: epiderme, derme, e a camada gordurosa (subcutânea); cada uma com funções específicas. Sua textura, sua cor, seus pregues são únicos e característicos de cada indivíduo (Benedetti, 2019).

Efeitos deletérios como os do próprio envelhecimento, tumores, cicatrizes, manchas hiperpigmentadas, hipopigmentas, amielínicas, bolhas, placas, deformidades anatômicas as quais fogem aos padrões de beleza de uma sociedade, podem trazer grandes consequências para a saúde, não só física, mas mental e de relacionamento sociais. Cabe lembrar que alguns problemas na pele são expressões de problemas internos e doenças autoimunes como o Vitiligo.

A criação de uma tatuagem envolve a pigmentação sobre a pele por meio de objetos pontiagudos ou agulhas com pigmentos. Nesse processo sente-se a dor a cada microperfuração devido a múltiplas perfurações realizadas com agulha – alguns procedimentos podem ser superficiais ou de caráter relativamente permanente. A dor é um processo complexo a qual participa informações sensoriais e emocionais de forma integrada. A sensação dolorosa está relacionada a um estímulo lesivo de certos tecidos e à consciência emergente, baseando-se na interpretação mental dos fenômenos que ocorrem, alterados adicionalmente por experiências vivenciadas e estados psicossomáticos. As experiências dolorosas desencadeiam reações emocionais, pois as informações sobre a dor, são transmitidas ao sistema límbico (Witko's, 2020).

Limiars de dores são diferentes para cada pessoa e isso vê-se influenciado pelo seu grupo e construção cultural. Pessoas que se deixam tatuar, a dor que sentem pelo estímulo mecânico na pele, pode ser classificada como rápida, também conhecida de dor aguda, pontual, dor elétrica... dor em agulhada!

Essa dor em agulhada, infligida ao corpo, poderia ser um flagelamento ou um tratamento para outras dores e sofrimentos.

Do ponto de vista psicológico, a tatuagem é uma expressão de singularidade, autoexpressão, identidade, embelezamento e de exclusividade no domínio da aparência do corpo (Tiggermann, 2006), (Weiler, 2021). Segundo Karacaoglan (2012, p. 5-28), “a tatuagem projeta uma imagem visual, ela transpõe em um cenário os conflitos internos inconscientes mais acentuados que brotam durante processos analíticos em curso”.

Por um lado, a tatuagem é uma simbolização visual de uma transgressão tabu; por outro lado, o ativa através de ato de autolesão assemelhando-se aos rituais mágicos de uso de tatuagens pelos povos indígenas. O tabu, portanto, serve como um substituto da violação real do tabu na vida real, de modo que a tatuagem pode ser atribuída a um significado divino ou função totêmica (Karacaoglan, 2012, p. 5-28).

Seguindo na mesma linha de pesquisa, nesse caso com relação à psicanálise, a tatuagem pode ser entendida, segundo Manso (2013), da seguinte forma:

Como escritas no corpo, as tatuagens não são apagadas com facilidade. Neste caso, para a geração que as adotou de forma quase generalizada, elas representariam um esforço de sustentar o valor durável da escrita numa época em que tudo flui, passa, liquefaz-se, como pensa Bauman (2000). Uma tentativa de garantir uma escrita que se registrasse como indelével?

Diante do frenesi de tantos ditos, do valor dos significantes que se dilui em relativismo, a tatuagem provavelmente terá o mesmo destino. No entanto, enquanto não se adota, de forma mais usual, o laser para retirá-la, pode ser uma forma de resistir à volubilidade dos tempos, sustentando no semblante do corpo o Um do traço significante, o Einziger zug freudiano fundamental à identificação. Ela serve à demarcação da unidade em meio a tanta diversidade.

Se for este o caso, ela colabora dando mais consistência ao corpo do Um no laço com o Outro, e ao mesmo tempo resguarda o inigualável e indelével daquele corpo. Ela assinala no corpo sua marca de singular, seu caráter de próprio, ao mesmo tempo em que, com essa distinção, traça sua presença no corpo do social, fora de si, no olhar do Outro. A tatuagem permite que o Um do corpo se enlace ao Outro através do olhar que convoca.

Por vezes, ela é usada em áreas do corpo expostas na intimidade, ou seja, uma tatuagem dirigida a alguns, por vezes usada de forma mais ostensiva, saltando da intimidade dos grupos para o campo social mais amplo. Seja como for, o corpo destinado ao gozo, que ela marca, resta fora do sentido. Segundo esse raciocínio, a tatuagem se aproxima do *sinthoma*, pois identifica um sujeito com a mesma vacuidade de um nome próprio; ela não diz nada sobre o ser, mas o cifra. Como não se trata na atualidade de números, como já foi seu uso em campos de concentração, essa cifra não é contável; ela é letra e demanda decifração, causando o desejo (Manso, 2013, p. 121).

Na perspectiva da avaliação médica, é fundamental que os profissionais, tenham um adequado entendimento da Antropologia da Saúde, com relação às tatuagens. Entender que essa arte realizada no corpo é um meio de expressão pessoal, também advinda de práticas ritualísticas ancestrais e diversas e que hoje faz parte do cotidiano durante as consultas – principalmente no âmbito da Estratégia Saúde da Família e Comunidade. O significado simbólico da tatuagem evoluiu, sendo fortemente individualizado, tanto do enfoque pessoal do tatuado quanto de quem os vê. Dependendo de qual parte do corpo a tatuagem está, esta representação visual transmitirá um tipo de mensagem.

Macedo e Pravidini (2015) ao analisarem a função psíquica exercida pela tatuagem na apropriação do corpo pelo sujeito e na constituição e manutenção do eu, concluem que:

circunscrever a tatuagem apenas nos registros Simbólico e Imaginário se mostrou insuficiente para compreender a relação do ato de tatuar-se com o eu. Há, no ato de tatuar-se, algo que transborda e que não pode ser traduzido, uma vez que se insere na lógica das formações do inconsciente e que, portanto, nos remete ao inominável do gozo, e ao Real (Macedo; Pravidini, 2015, p.151).

Para Roggenkamp (2017), no que tange a tatuados com tratamento psiquiátrico, parece que há uma conversação sobre seus símbolos e significações que poderia abrir portas e fornecer informações importantes como aspectos essenciais da autoidentidade e emoções ocultas, o que impactaria a realização de melhores condutas na prática clínica.

No que diz respeito à pessoa com problemas oncológicos, o duo – câncer e tatuagem – surge como um processo de ressignificação. Com foco no câncer de mama, há vários motivos pelos quais as mulheres decidiram realizar tatuagens no local da mastectomia, como motivações sociais e políticas além de relatos de como “desafiar os corpos pós-mastectomia como corpos abjetos” e para outras foi uma alternativa à própria reconstrução mamária. Esse corpo tatuado é obra de arte transformadora da identidade feminina, redefine sua beleza e “cura após experiências traumáticas” (Jong, 2020).

Projeto como o *Why We Ink* de tatuagens e câncer, compartilhando histórias emocionantes de pessoas que lidaram com a tragédia e a superação é um bom exemplo. São relatos de fatos próprios em primeira pessoa que emocionam, inspiram e provocam a conscientização sobre o câncer e ao mesmo tempo, arrecadam fundos para apoiar o tratamento contra o câncer (Maccarone, 2013).

David Le Breton, em entrevista ao programa Prosa Filosófica “Pensar o Corpo”, diz que “a tatuagem tem um sentido na construção da identidade da pessoa [...] às vezes é um momento de renascimento, reinvenção de Ser, com essa marca na sua pele [...] é uma forma de reconstrução”.

Ao debater sobre tatuagem, nesse contexto, seria interessante expor sobre problemas de pele e cicatrizes, como relatado anteriormente. A alopecia, por exemplo, é um problema dermatológico que consiste na perda de pelo ou cabelo em uma ou várias áreas do corpo, sendo a área das sobrancelhas a que mais se beneficiaria do tratamento estético-reparador com a tatuagem, realizando sobrancelhas definitivas mediante a micropigmentação e melhorando a autoestima. É um tratamento que vem ganhando adeptos a cada dia no sentido de melhorar a imagem pessoal e com isso a aceitação na sociedade afastando estigmas.

As alterações da pigmentação da pele – seria interessante pigmentá-la?

O vitiligo é uma discromia melânica, caracterizada pela ausência de melanina cursando com acromia. Considerada doença idiopática adquirida, com possível influência de fatores genéticos, neurogênicos e autoimunes, órgão-específico com anticorpos antimelanócitos. Caracteriza-se por apresentar áreas acrômicas polimórficas bem definidas variando de poucos milímetros a vários centímetros, isoladas e bem localizadas até a forma generalizada afetando todo o corpo. Afeta quase 1% da população mundial sendo mais prevalente nas mulheres e pode surgir em qualquer idade (Sánchez, 2000).

O vitiligo é uma “tatuagem endógena”. Por obra do acaso ou de uma perturbação, ela origina-se das mais variadas formas, nos mais esquisitos locais do corpo, tomando parte ou totalidade da sua economia. Imagine uma imensa borboleta desenhada nas suas costas pelo seu próprio corpo. *Quem é o Artista? Qual foi a sua dor?* E se você sonhar com um lobo, seu animal de poder, e de repente acorda com uma nova mancha se formando no seu braço – claro que não é tão rápido assim – outro dia sonha com uma árvore, sol, lua, nuvens e assim seu corpo vai sendo tomado por um branco imenso, conjunto de todas as cores, mas é o branco que se instala como uma magia e determina que você não pode ser estigmatizado pela sociedade que se encontra, mas sim empoderado pela sua diferença e assim agir como tal.

Para evitar estigmas, ao protestar pela condição de ter o vitiligo é de que essas diferenças acrômicas são para serem observadas e absorvidas como parte natural de nossa cultura. Algumas pessoas tatuam essas áreas ou mesmo as contornam dando maior ênfase. A borboleta branca gigante pode se tornar azul, a cara do lobo sombreado e a árvore florida. Isso pode ser tão provocativo e admirado na sua comunidade que possibilita uma transformação.

Para você, qual o significado das suas tatuagens?

Para muitas pessoas a tatuagem carrega um significado espiritual relacionado à fé e a devoção, pode ser uma homenagem de afeto e carinho a entes queridos falecidos, a celebração de nascimento, a “ressignificação da tatuagem” que seriam aquelas que deram uma nova visão ou um novo desenho a uma tatuagem antiga, outras apenas adotam o procedimento de despigmentação ou ambos procedimentos anteriores sendo considerada como “arte sobre a arte” onde uma nova tatuagem é realizada sobre a tatuagem antiga. Os sentimentos como paixão, amor, esperança, paz, saúde, alegria, saudades, resiliência, rebeldia, liberdade, transformação, individualidade, coragem, amizade, força e proteção são tão importantes para essas pessoas, que, avaliar suas tatuagens como parte da exploração clínica da saúde corporal, mental e sobretudo a saúde espiritual é um procedimento a ser seguido na propedêutica da Estratégia Saúde de Família (Frauzino, 2022).

Um novo Totem. E qual seria a importante relação, na nossa sociedade, entre o Totem e o artista?

Ora, temos aqui o Totem Dinâmico moderno que nos inspira e nos dá esperança em uma sociedade disfuncional e decadente com índices alarmantes de violência e suicídios. Esse Totem Dinâmico, que vai de um lado ao outro do mundo virtual ou real, interage com diferentes culturas ao ser postado e compartilhado na rede mundial de computadores por meio de suas mensagens de resiliência – essa dinâmica pode servir como espaço existencial que ilumina e blinda nossos sofrimentos.

A dor e o sofrimento com o objetivo de ter prazer na pele marcada, desenhada, estampada para carregar no corpo as imagens que lhes são significativas. A dor que se sente pela morte ou desaparecimento de um ente querido tem sua forma materializada visualmente, muitas vezes são retratos, naquele que sente a dor dessa perda, que sente a saudade e por isso estabelece um vínculo entre morte e vida. A dor de sentir-se insignificante, com a autoestima fragmentada, alheia ao pertencimento social e cultural leva muitos indivíduos a buscarem na tatuagem uma estratégia de inclusão social e posicionamento político e cultural.

A canção *Tatuagem* de Chico Buarque, do álbum *Chico Canta*, distribuído pela gravadora Philips (1973) é uma obra poética na qual o artista manifesta a importância do corpo feminino.

Quero ficar no teu corpo / Feito tatuagem / Que é pra te dar
coragem / Pra seguir viagem / Quando a noite vem.
E também pra me perpetuar / Em tua escrava / Que você
pega, esfrega / Nega, mas não lava.
Quero brincar no teu corpo / Feito bailarina / Que logo se
alucina / Salta e te ilumina / Quando a noite vem.
E nos músculos exaustos / Do teu braço / Repousar frouxa,
murcha, farta, / Morta de cansaço.
Quero pesar feito cruz / Nas tuas costas / Que te retalha em
postas / Mas no fundo gostas / Quando a noite vem.
Quero ser a cicatriz / Risonha e corrosiva / Marcada a frio /
Ferro e fogo / Em carne viva.
Corações de mãe, arpões / Sereias e serpentes / Que te
rabiscam / O corpo todo / Mas não sentes (Buarque, 1973)

Para o poeta Gilson Cavalcante (2021), essa música “transcende a carne e a cama. Um amor louco, de total entrega para o desastre, o que é a arte de amar” (Cavalcante, 2021).

A pessoa tatuadora passa a ser aqui, alguém que participa no processo de cura, nessa rede integrada de tratar o outro. Na maioria das vezes essas tatuadoras, são pessoas também tatuados compartilhando sua “tripla visão do sentido *Tattoo*”: 1) a visão de uma pessoa tatuada, com a dor e sentimentos dos símbolos no seu corpo; 2) a visão de uma artista, ao expressar sua obra e 3) a visão da curandeira quando ela, com sua arte, sua obra e suas mãos podem curar a dor da alma, mesmo

que o procedimento de pigmentação em agulhadas cause dor.

Fato correlacionado é a prática milenar do *batok* nas mãos da centenária Apo Whang-Od, com sua história inspiradora sendo a última tatuadora “mambabatok” dos povos Kalinga das Filipinas (Carpio, 2023).

A *Tattoo* é uma das grandes manifestações visuais e corpóreas de que se tem documentada na história da humanidade. O vasto repertório de imagens documentadas demonstra os vários enfrentamentos humanos grafados nos corpos, nas peles. A tatuagem liberta, cura, protege e transforma corpos que ganham sentido resignificando a vida e os momentos vividos em sociedade. Ela nos conta não só uma, mas várias, histórias em que pessoas se abrem sobre suas vidas e várias etapas de experiência apoiado na simbologia – desde um simples detalhe visto e revisto no seu cotidiano a imagens oníricas de um inconsciente coletivo. Essa arte forma tanto a individualidade quanto o sentido de pertencimento coletivo. O corpo marcado artificialmente e consciente é para alguns um ato de rebeldia na adolescência, comparando-se a um ritual iniciático dos povos originários, expressando não só, aquele sentimento de pertencer a um grupo, mas também a individualização do seu ser. É sinal de tolerância à dor ao se deixar marcar uma ínfima ou até íntima parte ou a sua totalidade corporal, tolerância ao sofrimento e ao luto ao expor imagens de entes queridos que se foram, a alegria dos que nasceram, o companheirismo de seus amores fiéis, de seus animais de poder, de suas plantas sagradas, de sua espiritualidade sentindo-se protegidos pelo escudo imagético olhares preconceituosos. A tatuagem se sobrepõe a imagens distorcidas de nossa sociedade e da discriminação pela cor, pelas manchas, pelas lesões do corpo e da alma, corpos que hoje se tornam um Totem Dinâmico e em contínua integração com seu entorno, mudando o que antes era estático e afugentador, para algo muito mais próximo e protetor, sem deixar de expressar o seu sagrado.

Referências

ALBUQUERQUE, F. E. **Português Krahô**. Campinas/SP: Pontes Editores, 2014, p.45.

BARBOSA, J. M. A.; BARBOSA, M. A. As coleções arqueológicas e museológicas face às reivindicações internacionais: recuperação de objetos rituais, restituição e reinumação de restos mortais. **Direito, Estado e Sociedade**. n.43 p.65 a 92 jul/dez 2013. Disponível em: <http://direitoestadosociedade.jur.puc-rio.br/media/43artigo3.pdf> Acesso em: 06 jan. 2023.

BENEDETTI, J. **Estrutura e função da pele**. 2019. Disponível em: <https://www.msmanuals.com/pt-br/casa/dist%C3%BArbios-da-pele/biologia-da-pele/estrutura-e-fun%C3%A7%C3%A3o-da-pele> Acesso em: 16 abr. 2021.

BUARQUE, C. **Tatuagem – Chico Canta**. Gravadora Philips, 1973.

CARPIO, A. Apo Whang-Od And The Indelible Marks Of Filipino Identity. Disponível em: <https://vogue.ph/magazine/apo-whang-od/>. Acesso em: 01 abr. 2023.

CAVALCANTE, G. **Sobre a música “Tatuagem” de Chico Buarque**. Taquaruçu (Tocantins). Entrevista realizada via telefone em 23 abr. 2021.

CASTAÑO, A. **Estos son los tatuajes de los políticos españoles**. Cadena de Ondas Populares Españolas – COPE, 2019. Disponível em: https://www.cope.es/actualidad/espana/noticias/estos-son-los-tatuajes-los-politicos-espanoles-20190816_479851 Acesso em: 30 abr. 2021.

CHATREAU, J. **La agonía en Auschwitz se cuenta a través de los tatuajes**. Euronews. 2020. Disponível em: <https://es.euronews.com/2020/01/23/la-agonia-en-auschwitz-se-cuenta-a-traves-de-los-tatuajes> Acesso em: 30 abr. 2021.

- DICIO.COM. **Totem**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/totem/>. Acesso em: 14 abr. 2021.
- ENCYCLOPEDIA.USHMM. **Tatuajes y números: el sistema para identificar prisioneros en AUSCHWITZ**. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/es/article/tattoos-and-numbers-the-system-of-identifying-prisoners-at-auschwitz> Acesso em: 30 abr. 2021.
- FRAUZINO, F. C. **Material próprio de entrevistas clínicas em medicina de família e comunidade**. Vigo (Pontevedra), Espanha, 2004-2007.
- FRAUZINO, F. C. **Material próprio de entrevistas clínicas em medicina de família e comunidade**. CliniCASSI, Palmas (Tocantins), Brasil, 2017-2022.
- GIBBENS, S. 2018. **Tatuagens mais antigas do Egito encontradas em múmias de 5 mil anos**. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/historia/2018/03/tatuagens-mais-antigas-do-egito-encontradas-em-mumias-de-5-mil-anos> Acesso em: 15 abr. 2021.
- HALL, J. E. **Guyton & Hall Tratado de Fisiologia Médica. Capítulo 48. Unidade IX. Sensações Somáticas: II Dor, Cefaleia e Sensações Térmicas**. 12.ed. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2011, p. 617.
- JONG, V. R.; BRUCE, A. Mastectomy tattoos: An emerging alternative for reclaiming self. **Nurs Forum**. v. 55, n. 4, p. 695–702, Out-Dez. 2020.
- JUNG, C. G., *et al.* **O Homem e seus símbolos** [tradução de Maria Lúcia Pinho]. – 3.ed.especial. – Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2016, p. 9, 111 e 129.
- KARACAOGLAN, U. Tattoo and taboo: On the meaning of tattoos in the analytic process. **Int. J. Psychoanal.** v. 93, p. 5–28, 2012.
- KRAHÔ, G. **Pinturas Krahô**. Polo Base Goiatins (TO) – Aldeia Areia Branca. Fala enviada em 09 mar. 2023.
- KRUTAK, L. 2013. **The Kayabi: Tattooers of the Brazilian Amazon**. Disponível em: <https://www.larskrutak.com/the-kayabi-tattooers-of-the-brazilian-amazon/#prettyPhoto> Acesso em: 01 maio 2021.
- MACCARONE, P. **“Why We Ink” Reveals Stirring Stories of Getting Inked for Cancer – Pop Culture**. 2013. Disponível em: <https://www.trendhunter.com/trends/why-we-ink> Acesso em: 12 abr. 2021.
- MACEDO, S.; PARAVIDINI, J.L.L. **O ato de tatuar-se: gozo e identificação o ato de tatuar-se**. Tempo psicanal., Rio de Janeiro, v. 47, n. 2, p. 138-155, dez. 2015. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382015000200010&lng=pt&nrm=iso Acessos em 21 mar. 2023.
- MANSO, R.; CALDAS, H. **Escrita no corpo: gozo e laço social**. *Ágora* (Rio de Janeiro) v. XVI número especial abr. 2013, p. 109-126.
- MARQUES, I.V.; BICALHO, P.S.S. O corpo como tela: os Xerente. *In: Seminário de Pesquisa, Pós-Graduação, Ensino e Extensão do CCSEH – III SEPE ÉTICA, POLÍTICA E EDUCAÇÃO NO BRASIL CONTEMPORÂNEO*. De 6 A 9 DE JUNHO DE 2017. **Anais [...]** - Universidade Estadual de Goiás – Campus Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas. Anápolis-GO, 2017, p. 1-6.
- MIRANDA, A. 2020. **Pensar o Corpo com David Le Breton**. PROSA Filosófica. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=pWV_XAfAAi8 Acesso em: 23 abr. 2021.